

## Maranguape antigo e seus tipos populares

JUAREZ LEITÃO\*

**U**ma cidade se constrói lentamente, em etapas, pelas mãos de seus habitantes. Do assentamento inicial vai-se compondo devagar, nos passos do destino, aldeia, vila, cidade. Cada pedaço assumido por gerações de homens e mulheres, o concerto plural e anônimo que faz a história.

A História Oficial nos traz a crônica hierática das sumidades, dos nomes consagrados, dos governos, dos mitos, dos heróis assinalados. Entretanto, existe uma outra história que se faz nas ruas, no labor cotidiano, na alegria das praças, nas bodegas, nos bares, nos becos e vielas da simplicidade, entre pessoas comuns, normais e anormais, os filhos do povo no exercício natural de suas vidas.

Muitas das cidades do interior do Ceará conservaram por longo tempo seus ares de aldeia. As pessoas se conheciam pelo nome, se tomavam por compadres e madrinhas, se emprestavam objetos, o carrinho de mão, o serrote, a enxada e até o pó de café e a xícara de açúcar emergenciais.

As cenas do dia-a-dia tinham a participação de todos, auditiva ou visual, as testemunhas oculares contando com detalhes os acontecidos e todos opinando, julgando, zombando, aconselhando, aumentando, distorcendo, torcendo contra ou a favor. Naquele tempo, analisa Raimundo Girão numa de suas crônicas, “qualquer pequeno fato, qualquer acontecimento menos trivial era apreciado com o mais pueril interesse.”

Ali estavam os personagens elementares de toda comunidade antiga: o vigário, o delegado, o bodegueiro, o barbeiro, o ferreiro, o carpinteiro, o botador d’água, o vendedor de lenha ou de frutas. Além, naturalmente, dos excêntricos e esquisitos, os loucos, os portadores de deformações físicas, os bêbados, típicas figuras de rua, artistas inconscientes da ampla

---

\* Sócio Efetivo e 2º Vice-Presidente do Instituto do Ceará

ribalta, que alimentavam a curiosidade dos ‘normais’ despertando-lhes os sentimentos de piedade, humor ou sadismo.

Em Maranguape, na primeira metade do século XX, ainda era possível ser encontrados os personagens típicos das antigas aldeias. Os cronistas da Terra de Capistrano os registram, cheios de saudades de suas meninices, período em que as histórias se impregnam na alma e ficam, pela vida afora, se acendendo de vez em quando.

Os dizeres, comeres, quererres e saberes do povo. A rua e as cenas que nela se desenrolavam.

As feiras, com sua enorme variedade de ofertas. Frutas de toda qualidade, objetos de cerâmica, rendas de bilros, selas, chicotes e rebenques, fumo de rolo, rapaduras, cachaça e mel de engenho, bolos, doces e manzapes, redes de embira, facas, facões, foices e enxadas... tudo plantado, fabricado, cozinhado e martelado por ali mesmo, pelas mãos artesãs daquele povo obreiro e criativo.

Vigiando todas as ações, a polícia, armada com facões-rabo-de-galo. Conhecida como “a polícia do Acioli”, era forçosamente respeitada e afamada pela grosseria com que tratava aqueles a quem entendia como praticantes de malfetorias. De vez em quando encontrava um valente.

Francisco Braz de Araújo relata:

*“Nunca me esqueci de uma cena horrível: um homem, conhecido como **Chico Aratanha**, depois de brigar com dez soldados, evadiu-se pela estrada de Pirapora, pois morava em seu percurso. Mas os policiais o alcançaram e os facões-rabo-de-galo entraram em ação. O sangue saía-lhe da cabeça e de outras partes do corpo, em filetes, tingindo a roupa e a areia que pisava. Já sem forças de tanto apanhar, o valente maranguapense, desarmado, ainda teve ânimo para se desvencilhar das garras dos abutres policiais e, num esforço sobre-humano, saltar o muro de propriedade de dona Zabelinha Braga, caindo semimorto.” (in “Maranguape de Outros Tempos”, 1959).*

Era um mundo singelo, mas fascinante. O mundo do carpinteiro Lucas, que reclamava do filho reparigueiro, que “viviu com os testículos na cabeça” (sic). Do Guilherme, que puxava por um dos pés, e ficava

furibundo quando lhe gritavam este estribilho: **“Comi cocada/ arrotei coentro;/ o pé do Guilherme/ tem um bicho dentro.”** Da Angélica, a doida que sacava a roupa fora e corria pelada pelas ruas, como testemunha Raimundo Girão, que viveu em Maranguape entre 1911 e 1913. Do garboso José Félix, a desfilar como um Napoleão com seu cavalo marchador, aos sábados e domingos, fazendo arroteio, se exibindo. Das mangas das Manuelas, do Sítio Tangureira, em que os compradores pagavam por seis e recebiam doze frutas muito saborosas. Do sanfoneiro Cícero Félix, animador dos forrós da Tabatinga, que gostava de falar difícil, citado inclusive em um famoso LP de humor lançado por Chico Anísio no começo dos anos 70 do século passado. Do carpinteiro Mestre Feliciano, que punha o diminutivo em tudo que dizia: rapazinho, comidinha, palavrinha, madeirinha...

Do saltimbanco Dé Mouco, executando para os frequentadores do Bar do Sinfrônio um espetáculo mambembe com a sua parceira, uma suja boneca de pano, a quem emprestava voz e piadas sem graça, coitado. Do Domingos da Marcelina, calado e triste, que tinha o asqueroso, mas importante ofício de esvaziar fossas e latrinas. E dos barbeiros, esses grandes repórteres de todas as cidadezinhas do interior e subúrbios das metrópoles.

Um célebre barbeiro de Maranguape não era filho da terra. Veio do Cariri e teve ativa participação na vida social e política da cidade o cratense Paulo Elpídio de Menezes. Era um barbeiro original: em seu salão, ao invés de se encontrar uma sortida vitrine de perfumaria, pontificava uma gorda estante de livros. O fígaro do interior lia os melhores autores franceses, ingleses e portugueses. Romances de Flaubert e de Eça de Queiroz podiam entrar naquela conversa de cangote se, por acaso, o freguês era um Joaquim Pimenta, como ocorreu certa vez, segundo relata o próprio Paulo Elpídio num livro de memórias. Sim, porque o barbeiro tornou-se escritor, jornalista, advogado, procurador fiscal do Estado, além de gerar filhos do quilate intelectual de Djacir Menezes e Paulo Elpídio de Menezes Filho.

Mas nem só de barbeiros intelectuais vivia a Maranguape de outros tempos. O barbeiro Chico Bango, além de cortar cabelo e fazer barba e bigode, se dava ao luxo de interpretar sonhos. Alguém com esses dotes era consultado providencialmente para as apostas no jogo do bicho. Sonhou consertando o telhado? Pode jogar no gato, que é bicho que sobe em

telhado. Sonhou com leite ou com queijo? É vaca, na certa. Até aí, o óbvio. Mas, certa vez, alguém sonhou com uma moça bonita. Aconselhado pelo barbeiro, jogou todo o dinheiro na borboleta. Deu jacaré. Encurralado, o adivinhador saiu-se pela tangente: “*Vá atrás que não era mais moça!!!*”

De delegados, em Maranguape, as melhores histórias envolvem a figura de Agostinho Fernandes dos Reis. Era homem sem instrução, mas corajoso e altivo, além de se fazer conhecido por sua absoluta franqueza. Sua lógica era simples e clara: por exemplo, quando o esfaqueado era um homem, ele o tratava por “vítima”. Vítima, só se fosse mulher.

Num tempo em que a lei podia ser feita sem rodeios na delegacia, Agostinho agia rápido e a seu modo, conforme os princípios que elegia como os certos. Segundo conta o cronista maranguapense Hilário Gaspar, certa tarde chega à delegacia uma moça, conduzida numa rede. Vinha com o corpo cheio de hematomas (ronchas, como se dizia) e gemia muito. O pai da moça, João Maroca, que era acusado de ser o autor das pancadas que quase a mataram, estava ao seu lado e se explicou à autoridade:

*“Seu Agostinho, eu não nego que açoitiei a menina e vou dizer por que. Tinha um samba lá perto de casa, ela quis ir e eu não deixei. Fomos todos dormir. Umás horas da noite eu espiei pra rede dela e cismei de uma coisa. Fui ver de perto e, dentro da rede, só encontrei uma mão de pilão. Dei de garra dum velho e rumei pra festa, onde encontrei a desobediente dançando. Trouxe ela pra casa debaixo de peia. Mas ela num tá tão doente assim, não. Ela quer é me condenar. Estas ronchas que tem no corpo ela fez de tinta”.*

Havia uma multidão escutando a história e todos se aproximaram para ouvir a sentença do delegado. Agostinho tomou fôlego, limpou a goela e sentenciou: **Quando ela ficar boa, dê outra pisa! E se eu fosse gunverno, o João Maroca era o prefeito!!!**

Opinava, categórico, sobre a Constituição Brasileira: **Meninos, as nossa Lei são mais bem feitas do que os Evangel...O que desgraça a nossa Lei são os parafos (parágrafos). Quer um exemplo? Vem uma lei e diz: é proibido verter água na avenida de Maranguape! E logo abaixo vem o parafó: em caso de necessidade, pode.**

O delegado também tinha pendores detetivescos. Chegou-lhe um cidadão para dar parte do roubo de suas galinhas. Todas as noites lhe afanavam uma galinha do quintal. **“E por que você não adquire um cachorro? Ladrão de galinha tem medo de cachorro...”** O homem respondeu que já tinha um cachorro, por sinal, muito bom. O delegado, então, dirigiu-se à casa do queixoso e, quando chegou à porta, quase que era agredido por um enorme cachorro. O animal foi contido a custo, latindo e rosnando furioso, espumando feito a peste. **“Home, uma fera destas estrassaia qualquer ladrão que se meta a besta! Onde conseguiu este bicho?”** – Perguntou. Informado de que fora presente de um amigo, Agostinho foi à procura do indicado e deu-lhe voz de prisão. “Mas o que foi que eu fiz?” O delegado, olhando no olho do acusado, declarou, conclusivo: **“Com um cachorro valente daquele ninguém encostaria no quintal do Zé Vieira! A não ser o antigo dono daquele bicho brabo!”** E o ladrão, desvendada a tramoia, confessou tudo.

Em 1925, o major Napoleão Leocádio de Lima, contratou um grande tenor para fazer uma exibição de alto nível em Maranguape. O espetáculo foi na Casa da Câmara, ao preço de dez mil réis, um exagero para a época. O traje exigido era terno de casimira escura ou fraque, outro exagero para uma cidade do interior. Às 20 horas as portas do prédio, apinhado de ouvintes, foram fechadas e o tenor começou a cantar. O calor era de rachar. Duas horas de canto clássico, no último ponto, em italiano. Na saída, o delegado Agostinho Fernandes, suando em bicas e abrindo o paletó, fez sua avaliação: **“Menino, este homem gritando deste jeito num roçado de arroz, não tem periquito que encoste!!!”**

Na memória nos mais velhos e nos registros dos cronistas de sua história desfilam outros personagens de rua de Maranguape que, por suas singularidades, provocavam a alteração da mesmice, animando a rotina do cotidiano.

O **Joaquim da Tintina** era calmo e prestativo. Vivia de biscates, recebendo uns tostões por pequenos serviços. Manso, caladão, parecia viver sorrindo do nada. Mas quando se embriagava, gritava a plenos pulmões todos os seus recalques, suas mágoas particulares e as decepções que lhe haviam pregado. E com um garfo, passava a espetar o próprio braço, se flagelando aos gritos pelas ruas. Terminava anunciando que ia se matar,

deixando apreensivas algumas mães de família, que tentavam demovê-lo de sua funesta intenção. Sempre aparecia alguém para acalmá-lo, fazer-lhe um curativo e lhe dar um prato de comida. Certa vez anunciou, aos brados, que ia acabar com a vida pulando dentro de um cacimbão. Oliveira Paula (o pai do humorista Chico Anísio), disposto a encerrar aquela encenação, aproximou-se do Joaquim e, com a mão em seu ombro, falou:

*- Você quer se suicidar, não é, Joaquim? Quer pular num cacimbão? Pois ali na casa do compadre Sinfrônio, no fundo do quintal, tem um cacimbão que é uma beleza pra quem quer se matar. Eu levo você lá.*

*Joaquim assustou-se com o convite, mas não tinha mais como recuar e acompanhou o Oliveira. Chegaram à parede da funda cacimba, já acompanhados de vários curiosos. “Pronto, Joaquim, é só pular.”*

*O doido olhou para dentro do velho poço emparedado, escuro pela profundidade, e, aterrorizado, desfez a farsa:*

*- Taquí, seus sacanas! Vocês tão doidos que eu me lasque, não é? Pois eu não vou pular, não. Pra não dar gosto a vocês, que querem se ver livres de mim!”*

E, a partir desse dia, nunca mais falou em suicídio.

Do grupo dos exaltados, o maior representante era o **Piloto**. Atarracado, olhos miúdos, barba de vários dias, andar recurvado, chapéu de palha surrado. Perambulando pelas ruas, à cata de um insulto, tinha público cativo entre a criançada. O prefixo para o início do show de baixaria era um “**Meia volta, Piloto!!!**” Furioso, o doido vibrava no ar o cacete que conduzia e, roxo de raiva, reagia. Ser provocado tornara-se uma necessidade para ele, pois aí se achava justificado para desfilar o rosário de palavrões e impropérios contra os meninos e as famílias deles. O insultador tinha o pai e a mãe descascados com os piores nomes e as mais escabrosas atribuições.

Um dia, o Padre Rosa conversou com o Piloto, persuadindo-o a não ligar para as provocações da canalha da rua. E o vigário falou também com os meninos. Que deixassem o doido em paz. Que ficassem quietos à sua passagem.

Naquela tarde, Piloto passou pela rua do Bagaço (atual Coronel Manoel Paula) sem ser importunado. Era a primeira vez que acontecia. Os meninos, sentados no fio de pedra, simplesmente o olhavam, calados. Piloto passou uma vez e ninguém disse nada. Voltou e passou novamente pela frente dos meninos. Silêncio absoluto. Sentindo-se desprezado e carente da assuada, resolveu, ele próprio, iniciar a provocação, a partir de uma acusação injusta: **“Vocês já tão, não é?!”**

E a história retomou o seu enredo. Voltaram os insultos dos meninos e a resposta desesperada e escandalosa de Piloto, no pleno exercício de seu espetáculo.

E a louca de branco? Gilson Nascimento a descreve vestida de noiva, com seu traje nupcial, longo e amarrotado, tocando o tornozelo, rosto sulcado e uma flor plantada no cabelo desarrumado. Era **Vicença**, a abandonada no altar, desfilando o seu desvario pelas ruas de Maranguape.

Ninguém sabia os detalhes de sua história. Entretanto, todos imaginavam a cena: no dia mais feliz de sua vida, cercada de convidados e cheia de expectativas venturosas, véu, grinalda e o ramallete de lírio, esperando no altar o noivo que não veio.

Enlouquecida, nunca mais quis se desfazer de sua condição de noiva, a escolhida de seu amado, com quem haveria de repartir a vida, na alegria e na dor, como falam os oficiantes dos casamentos naquele momento solene.

Embriagava-se e saía a falar, em exaltação, dos noivados. O noivo original, o que escapara, não era mais mencionado. Havia sido extirpado de sua lista afetiva. Os noivos agora eram as autoridades, as figuras famosas da cidade, os altos comerciantes, os políticos, os heróis militares, alguns morando longe, cumprindo suas relevantes atividades no Rio de Janeiro, no Exército, na Câmara Federal. Os eleitos tinham as qualidades físicas e morais decantadas pela Vicença, que falava esfuziante, cheia de alegria nessas horas.

Houve uma época em que “noivou” com o coronel Jeová Mota, filho ilustre da cidade, personagem de grande evidência no cenário nacional.

*“Vicença não tirava o nome do militar da boca. E quando alguém tocava no assunto, a “noiva”, riso alegrando os lábios murchos, fala esganiçada, gestos vivos, referia-se ao recente noivado,*

desmanchando-se em comentários. Foi o “compromisso” que mais a entusiasmou e teve, por isso, longa duração. Algumas vezes a bebida a derrubava. E quando as pessoas a viam nesse estado degradante, deitada num canto de calçada, não a importunavam, não lhe interrompiam o sono. Pareciam ter a intuição de que *Vicença, enquanto excursionava pelo mundo encantado do sonho, colhia personagens e cenários para suas fantasiosas histórias. É que essa atividade, lúdica para quem escutava a mitômana, era muito séria para ela, porquanto lhe dava a oportunidade de ausentar-se, ao menos por alguns instantes, do mundo de miséria e infelicidade em que vivia.*” (NASCIMENTO, Gilson in **Retalhos de Verão**).

Quem nos anos 60, 70 e 80 do século vinte, não se lembra do Raimundo, o popular orelha podre, a Carolina, pronta para devolver em impropérios as brincadeiras dos meninos, o Tarcísio Bastos, colecionador de milhares de retratos, o Jaime da Bermuda, o João Bobagem e o seu famoso circo fictício, o Marujo, o Júlio Putufu, a Catraca e o Sapiroco e o seu famoso berimbau.

Outros nomes e tipos marcantes estão na memória dos maranguapenses e na crônica do tempo. Suas atitudes e façanhas são os mosaicos que compõem o grande ladrilho da história, com um grau de importância imprescindível para a restauração da verdade social e humana desta comunidade.